

VILLEGAGNON: VILÃO OU HERÓI?

por Vasco MARIZ¹
Lucien PROVENÇAL²

Nicolas Durand de Villegagnon é um personagem que sempre despertou bastante interesse dos estudantes de história do Brasil. Em especial dos habitantes do Rio de Janeiro e Niterói, que passam quase diariamente defronte à ilha de Villegagnon, na baía de Guanabara, onde está instalada a nossa Escola Naval. E esses interessados em história ficam imaginando como teria sido mesmo a aventura da França Antártica. Já os francófilos ardentes especulam como seria o Brasil de hoje, se a colônia francesa no Rio de Janeiro tivesse se firmado e houvesse se expandido pela costa brasileira, como planejava Villegagnon. Afinal, não teria sido difícil expulsar os portugueses, se a metrópole francesa não estivesse em sérias dificuldades políticas e financeiras e houvesse fornecido a Villegagnon os meios necessários.

Como estamos festejando os 500 anos do descobrimento oficial do Brasil, justifica-se um estudo objetivo da França Antártica e sobretudo de seu controvertido líder, o primeiro "vice-rei do Brasil", Nicolas Durand de Villegagnon. A idéia deste estudo surgiu de uma conversa em Paris, em dezembro de 1998, entre os dois autores: um embaixador brasileiro aposentado, membro titular do IHGB, e um oficial da marinha francesa ligado ao Brasil, apaixonado pela história da marinha de seu país. Comentávamos o injusto esquecimento de Villegagnon na França, onde não existe uma só rua, um único busto seu, ou qualquer outra homenagem significativa que perpetue o seu nome na sua pátria. Somente

⁽¹⁾ Membro titular do IHGB.

⁽²⁾ Comandante da Marinha de guerra da França.

a sua pequena cidade natal, Provins, ao sul de Paris, recorda o seu nome em uma placa comemorativa, na casa onde ele teria nascido em 1510.

O dicionário Larousse nos oferece um pequeno verbete de Provins: "principal cidade do distrito de Sena e Marne, na região do Brie. 12.200 habitantes, que se denominam *provinois*. Centro turístico e comercial. Torre medieval, conhecida como Torre de Cesar, e muralhas dos séculos XII e XIV. Residências e edifícios antigos, como o Museu Provinois". É justo lembrar ainda que Provins é hoje conhecida na França por causa de seu ex-prefeito, Alain Peyrefitte, acadêmico e ex-ministro do General De Gaulle.

Como uma parte dos historiadores das academias militares francesas ignora o nome de Villegagnon, nossa curiosidade levou-nos a procurar documentar-nos, no Brasil e na França, sobre essa figura admirável, segundo alguns autores, ou vilão execrável, de acordo com outros historiadores influenciados pela disputa religiosa do seu tempo. Os interessados encontrarão no final deste trabalho a relação da bibliografia existente na França e no Brasil, que não deixa de ser relativamente numerosa, embora com poucas obras de real mérito e razoável imparcialidade. Destacamos, na França, as biografias de Heulhard e Peillard, e no Brasil, a história romaneada de Villegagnon, de Chermont de Brito. Quando falamos em imparcialidade é preciso ter cuidado, pois em relação ao nosso herói não há indiferentes: os autores ou são entusiastas, ou são freneticamente restritivos ou negativos. O principal motivo dessa veemente oposição foi de fundo religioso: os autores protestantes acusam Villegagnon de todos os crimes e ignomínias imagináveis cometidos no Brasil, e os autores católicos, ou isentos, destacam as notáveis qualidades pessoais do personagem, sua bravura, sua capacidade de organização, sua tolerância com os calvinistas, sua visão geopolítica e habilidade no trato com os indígenas.

As metas do presente estudo são duas: fornecer ao leitor informações mais pormenorizadas sobre a juventude e a maturidade de Villegagnon, isto é: suas atividades antes e depois de sua aventura na França Antártica, fatos quase desconhecidos no Brasil. E esses fatos se revestem do maior interesse, já que Villegagnon não foi apenas o comandante da expedição francesa na Guanabara, mas um personagem de primeira linha na França e na Europa, prestigiado por quatro reis de

França e até pelo imperador Carlos V, como veremos a seguir. Nosso segundo objetivo será contribuir para reabilitar a imagem histórica de Villegagnon, injustamente caluniado há mais de quatro séculos pelo livro de Jean de Léry *História de uma viagem ao Brasil*, cujas repetidas edições renovam periodicamente as acusações mais descabidas dos pastores calvinistas que fracassaram no Rio de Janeiro.

É importante sublinhar que a desinformação no Brasil e na França sobre Villegagnon por vezes é espetacular. Mesmo enciclopédias de alta reputação cometeram erros crassos em seus verbetes sobre Villegagnon. No prestigioso e moderno Koogan-Houaiss, distribuído em 1998 pelo nosso Ministério da Educação a milhares de escolas brasileiras, lemos com surpresa em seu verbete que ele foi um "fidalgo huguenote, aluno de Calvino"! Ora, Villegagnon jamais foi aluno de Calvino e sim seu colega de colégio e universidade. Ele jamais foi huguenote, ao contrário era um cavaleiro de Malta a bateu-se toda a sua vida contra as teorias de Calvino e seus seguidores. Esclareço que o dicionário enciclopédico Koogan-Houaiss é baseado no célebre Larousse francês, fonte respeitável. Aproveitando minha amizade com o editor, já redigi novo verbete que sairá na próxima edição com as correções necessárias. Na França encontramos a mesma desinformação, pois dicionários e enciclopédias cometem erros semelhantes. Está na hora de corrigi-los, de uma vez por todas.

*

Homem universal, grande marinheiro, soldado, diplomata, escritor, teólogo controversista, colonizador de visão, Nicolas Durand de Villegagnon nasceu em Provins, França, nas vizinhanças de Paris. Seu pai, Louis Durand de Villegagnon, era um magistrado, procurador do rei de França, foi nobilitado e tinha um alto padrão de vida, o que lhe permitiu dar a seu filho uma educação esmerada para a época. Sua casa existe ainda na rua Saint Thibaut 18 e a Sociedade Arqueológica de Provins ali colocou uma placa de bronze, onde se pode ler: "Aqui nasceu em 1510 Nicolas Durand de Villegagnon, vice-almirante da França, comendador da Ordem de Malta. Ele foi o homem do mar mais célebre do seu tempo".

Na realidade, Villegagnon não foi vice-almirante da França e sim vice-almirante da Bretanha.

Seu nome original era apenas Nicolas Durand, ao qual foi agregado oficialmente, em 1513, "de Villegagnon". Nessa aldeia vizinha seu pai possuía uma grande propriedade e decidiu incorporar aquela referência ao seu nome. Sua mãe era Joana de Fresnoy. O jovem Nicolas mereceu todo o apoio do grão-mestre da Ordem de Malta para desenvolver e apurar as suas artes da guerra, nas escolas e nas naus da Ordem. É quase certo que Villiers del'Isle Adam tenha conhecido a família de Villegagnon quando viveu em Brie, perto de Provins.

Lembro que a Ordem de Malta, que existe até hoje sediada em Roma, chamava-se na época Ordem de São João de Jerusalém. Expulsa da ilha de Rhodes em 1522 pelos turcos, instalou-se na ilha de Malta em 1530 por concessão do imperador Carlos V. No ano seguinte Villegagnon era admitido na Ordem, mas suas relações com ela variaram bastante: foram excelentes com Villiers de l'Isle Adam (seu protetor na juventude), apenas corretas com Michel de Sangle, péssimas com Omèdes, e outra vez excelentes com Jean Parisot de la Valette, seu adjunto na aventura na Escócia e grão-mestre da Ordem em 1557. Este último assegurou-lhe um posto decente após a traumática experiência na França Antártica, nomeando Villegagnon seu representante em Beauvais-en-Gatinais. Finalmente, pouco antes de sua morte, Villegagnon foi nomeado, em 1570, embaixador da Ordem de Malta junto à corte da França, o que demonstra que seu prestígio continuava elevado na época, apesar do tropeço no Rio de Janeiro e das calúnias dos calvinistas.

Uma palavra sobre o rapaz: todos os autores coincidem em afirmar que Nicolau era alto, bonito, forte, simpático, bem falante, culto, extremamente hábil no manejo das armas da época, sedutor com as mulheres (embora casto), sempre bem vestido (mesmo na França Antártica, onde todos andavam seminus), respeitoso com seus superiores e por eles muito apreciado, determinado ao extremo, profundamente religioso e perfeito conhecedor dos dogmas da fé católica. Esta última qualidade era essencial em uma época na qual se lutava até à morte para defender ou atacar os mistérios da eucaristia. O fato de ele ter sido aceito pela Ordem de Malta foi cobiçada honraria para um jovem proveniente de uma família provinciana recentemente enobrecida. No entanto, o título de Cavaleiro

da Ordem de Malta, organização profundamente religiosa na época, exigia notáveis renúncias: os votos de obediência, pobreza e castidade, que Nicolau cumpriu à risca, apesar das tentações que sofreu ao longo de sua aventureira vida. Consta que Villegagnon na cõrte francesa era constantemente assediado pelas mais belas mulheres, que o queriam pôr a prova... Mesmo na solidão do Brasil quinhentista, Nicolau teve forças para resistir aos encantos da bela Jacy, filha do cacique tupinambá. Sua castidade nunca foi contestada, mesmo pelos seus mais ferrenhos inimigos huguenotes.

Após a morte do pai, aos 11 anos de idade, Nicolau fez seus estudos em Paris nos colégios de La Marche e de Montaigu, escolas religiosas abertas aos jovens da pequena nobreza provinciana. Terminados esses estudos de nível médio, Nicolau passou a cursar a Faculdade de Direito de Orleans. Um dos irmãos, Felipe, chegou a presidente do tribunal de Provins. Uma de suas irmãs casou-se com Boissy, *seigneur* de Bois-le-Comte, cujo filho no Rio de Janeiro assumiria a chefia da França Antártica após o retomo de Villegagnon à Paris. Bois-le-Comte não teve êxito ao defender a colônia francesa contra a investida de Mem de Sá.

Mas aqui chegamos à nossa primeira dúvida biográfica: alguns autores tentaram traçar o seu perfil religioso de antagonista à Reforma, ao comentar sua permanência na Universidade de Paris. Villegagnon foi colega de Jean Cauvin, o depois famoso Calvino, desde os colégios de La Marche e Montaigu e apontam sua rivalidade desde os bancos de estudantes. Nicolau, atlético e bem falante, teria humilhado repetidamente Calvino em competições dialéticas, religiosas e de oratória. Outros autores confirmam que os dois alunos teriam tido cordial convivência universitária e a correspondência posterior deixa transparecer que existia um certo grau de intimidade entre eles. Também é provável que eles se tenham encontrado em 1531, quando Calvino redigiu o célebre sermão para o reitor da Universidade de Paris. Jean de Léry, em seu conhecido livro sobre a França Antártica, reproduziu o texto completo de uma carta de Villegagnon, em termos de bastante familiaridade, escrita a Calvino do Rio de Janeiro e datada de 31 de março de 1557. Na correspondência entre eles, utilizavam o tu, o que atesta intimidade. Nela Nicolau relata as dificuldades de toda a ordem que estava enfrentando no Brasil e termina dizendo que “de minha parte, nunca desanimei”. Não há

mais dúvidas de que realmente tenham se conhecido bem, pois o biógrafo de Calvino, Bernard Cottret, confirma que ambos estudaram em Paris nos colégios La Marche e Montaigu e também na Faculdade de Direito de Orleans. O importante é que, ao regressar à França para defender-se das acusações dos protestantes, Villegagnon encontrou na côrte francesa um ambiente desfavorável, devido à campanha desenvolvida pelos calvinistas contra os chamados "desmandos" do vice-rei do Brasil, no Rio de Janeiro. Para sua sorte, a morte prematura do rei Henrique II livrou Villegagnon de ser contestado formalmente. Voltaremos ao assunto.

Mas chegamos à maioria de Villegagnon e convém fazermos um parênteses para tentar resumir o momento histórico e a atmosfera político-religiosa, no qual o nosso personagem iria desenvolver suas múltiplas e fascinantes atividades de marinheiro, diplomata, militar, homem político e depois colonizador.

*

No início do século XVI, a descoberta oficial do Brasil despertou ambições na França, que não havia reconhecido a divisão do mundo pelo Papa entre a Espanha e Portugal. Dois personagens destacavam no cenário europeu: Francisco I, rei de França, e Carlos V, eleito imperador do Santo Império Romano-Germânico em 1519, rivais ferrenhos e irreconciliáveis. Dois anos depois explodia a guerra entre a França e a Áustria e Francisco I perdia o Milanês. Em 1525, feito prisioneiro em Pavia, teve de assinar o tratado de Cambrai.

Mas uma terceira força surgia na Europa Central: o sultão Suleiman ocupou a Hungria e tomou sua capital Buda. Em 1529, ele tentou o assalto à Viena, sem sucesso. Complicador ainda maior foi o agravamento da questão religiosa: Henrique VIII, da Inglaterra, formalizou o cisma anglicano e se proclamou chefe da igreja de seu país, em 1534. Dois anos depois aparecia um livro, que teria notável repercussão religiosa: Jean Cauvin, Calvino como ficou na história, publicou *L'Institution Chrétienne*, em Genebra.

Em 1536, o rei da França surpreendentemente assinou um tratado de aliança com o sultão Suleiman, visando desferrar-se de Carlos

V. Nova guerra entre a França e a Áustria, que só terminou dois anos depois pelo tratado de Nice, em 1538. Em 1543, os franceses tomaram Nice com auxílio da frota turca, comandada por Khareddim Barberousse.

Depois deste pequeno *intermezzo* histórico para refrescar a memória do leitor, voltemos a Villegagnon, que nessa época iria se celebrar pelo espetacular seqüestro de Maria Stuart.

*

Ao ser admitido aos 21 anos na Ordem de Malta, em 1531, Villegagnon começava uma animada vida de aventureiro fiel ao seu rei e à ordem religiosa que o havia acolhido. No entanto, esta dupla fidelidade iria marcar a sua vida e levá-lo, por vezes, a atitudes estranhas e até contraditórias. A curiosa aliança que Francisco I, rei da França, celebrou com o sultão Suleiman, o Magnífico, teve por objetivo criar embaraços a seu grande inimigo, o imperador da Áustria e rei da Espanha, Carlos V, criando-lhe uma dupla ameaça geográfica.

Em 1540, Villegagnon foi enviado à Veneza, onde Guillaume de Pelletier, o embaixador da França, decidiu aproveitá-lo como correio diplomático: ele acabava de completar 30 anos de idade e falava grego. Recebeu a missão de levar à Constantinopla uma mensagem especial de Francisco I ao sultão turco, encorajando-o a atacar novamente a Áustria. Villegagnon levou pouco mais de três meses para ir e voltar da capital turca. Curiosa iniciativa de um rei católico aconselhar ao perigosíssimo líder muçulmano atacar o coração da Europa, um dos bastiões do Santo-Império Romano-Germânico, de Carlos V. Como vimos, Suleiman já havia submetido a Hungria católica e só foi detido diante de Viena. A posição da igreja era dúbia e ora favorecia o rei de França, ora o imperador Carlos V, segundo seus interesses políticos de momento.

Villegagnon levou de volta a resposta de Suleiman a Francisco I até Turim, entregando-a ao embaixador francês, *seigneur* de Langey. Em sua casa, teve Villegagnon oportunidade de conhecer e tornar-se amigo do poeta Ronsard, lá hospedado também. Durante a sua estada na capital do Piemonte, Villegagnon foi encarregado de entregar a Francisco I as plantas das principais fortalezas da Milanês, que seriam depois de

grande valia na campanha da Itália do rei francês. Villegagnon passou a ser olhado com mais atenção na côrte francesa e caiu nas boas graças de Francisco I, que o presenteou com alguns dobrões de ouro. Mas sua atuação diplomática não parou por aí, pois o embaixador Langey (Guillaume Du Bellay) conseguiu incorporá-lo às forças de Carlos V, no grupo de 400 cavaleiros de Malta, entre os 4.000 soldados que se preparavam para atacar Argel. Sua função era observar o desenvolvimento daquele grande empreendimento militar e enviar relatórios ao rei de França. Villegagnon levou consigo diversos estafetas, que fizeram chegar regularmente à côrte francesa suas cartas, comentando os acertos e erros de organização do imperador, informações preciosas para Francisco I, seu grande rival.

Os navios muçulmanos infernizavam a navegação no Mediterrâneo e até utilizavam o porto francês de Toulon para se reabastecer. Ao aceitar essa estranha missão de ajudar Carlos V, o grande inimigo da França, Villegagnon continuava curiosamente fiel aos seus princípios: como cavaleiro de Malta iria combater os infiéis e, ao mesmo tempo, serviria o rei da França, familiarizando-se com as estratégias militares do imperador, seu arqui-rival. Enquanto se preparava para essa arriscada missão, Villegagnon freqüentava a côrte francesa e foi recebido várias vezes por Francisco I. Consta que sua famosa irmã, Margarida d'Angoulême, teria feito versos celebrando a beleza física de Villegagnon, com quem conversava amiúde e lhe lia trechos das histórias que escrevia e ouvia dele crítica inteligente. Também Renée de France, tia do rei, apreciou as qualidades de Villegagnon. O curioso é que, mais tarde, ambas protegeram Calvino.

Sua missão junto ao imperador foi facilitada pelos agentes de Langey, que conseguiram embarcar Villegagnon na galera de um irmão de Andrea Doria. A frota de Carlos V era imensa e deveria ser bem sucedida, não fosse uma tremenda tempestade que a dispersou perto de Argel. Villegagnon, à frente dos cavaleiros de Malta que acompanhavam o imperador, bateu-se denodadamente diante dos muros da cidade e acabou ferido no braço esquerdo por um golpe de lança. Carlos V teria assistido à bravura de Villegagnon e o confortou com palavras de agradecimento, e até o legado do Papa escreveu ao rei de França contando que presenciara seu heroísmo. Na viagem de volta, apesar de muito enfraquecido, Villegagnon conseguiu escrever a Langey fazendo-lhe um

relatório de tudo quanto observara na viagem, e atacando os planejadores da expedição a Argel, que quase custou a vida ao imperador.

O curioso é que a aventura de Argel fez de Villegagnon um escritor. Chegou a Roma ainda em convalescença e lá se hospedou em casa de um amigo de Langey. Enquanto refazia suas forças, escreveu um pequeno livro no qual demonstrou não somente seus conhecimentos militares, mas também o seu perfeito domínio do latim: *Carolus V Imperatoris Expeditio in Africam ad Argeriam*, obra que agradou ao imperador e mais ainda à Francisco I. O livrinho de 24 páginas estava em todas as mãos na corte francesa e seu prestígio cresceu bastante. A aliança franco-turca não sobreviveu às mortes de Henrique II (1559) e de Suleiman (1566).

No final de 1542, Villegagnon estava de novo em Paris para relatar pessoalmente a Francisco I os acontecimentos da campanha de Argel. Foi acolhido com honrarias e recebeu o privilégio do tamborete e da carruagem, cobiçadas distinções na corte francesa, que lhe permitiam acompanhar o cortejo real nas ruas de Paris e na província. Pouco depois foi enviado ao norte da Itália para lutar contra o governador de Milão e o príncipe Cesar de Nápoles, aliados dos austríacos. Villegagnon ganhou bastante experiência militar na Itália e algum destaque na vitória francesa de Cerisoles. Passando por Turim, embaixador Langey o enviou outra vez à Hungria em missão de observação, pois Suleiman instalara um pachá em Budapeste. Villegagnon redigiu argutos relatórios dessas missões à Francisco I, o que confirmou seu prestígio na corte francesa. Mas ele estava farto de missões diplomáticas e ansiava por voltar aos mares, aspirava um comando naval.

Após a morte de Francisco I em 1547, seu sucessor, Henrique II, também demonstrava simpatia por Villegagnon e o convidava para participar de caçadas. Mas esse período de tranquilidade acabaria em breve, pois o novo rei da França confiou-lhe a difícil missão de limpar a costa da Bretanha, infestada por piratas ingleses, que perturbavam o comércio e a vida dos pescadores franceses. Villegagnon conseguiu, em pouco tempo, afundar cinco galeras inglesas e afugentar os piratas, normalizando a navegação costeira.

Durante a sua estada em Roma após o fiasco de Argel, Villegagnon teve oportunidade de conhecer o irmão do embaixador Langey, o famoso cardeal Du Bellay, decano do Sacro Colégio, que gozava de grande prestígio com o Papa e com o rei de França. Essa nova amizade lhe seria proveitosa. Villegagnon voltou à Roma em 1547, depois da morte de Francisco I, para proteger o príncipe Flaminio dell'Anguillara, aliado da França e cuja vida estava sendo ameaçada pelos Médicis. Aconteceu então a primeira aventura famosa de Villegagnon: o seqüestro de Maria Stuart.

Ela nascera poucos dias antes da morte de seu pai, o infeliz rei da Escócia, Jaime V. Sua mãe era Maria de Guise, duquesa de Lorena, princesa francesa. Recordo que a Escócia estava dilacerada pela guerra religiosa. Dizia Stefan Zweig, em seu magnífico estudo sobre Maria Stuart: “quem combate o rei e a favor do protestantismo, recebe seu soldo de Londres; quem luta pelo catolicismo e pelos Stuarts, recebe-o de Paris, Madrid e Roma. Todas essas potências estrangeiras pagam de bom grado o sangue escocês. Toda vez que exércitos ingleses irropeem na Normandia, a França cêlere dirige o punhal para o dorso da Inglaterra. Fortalecer militarmente a Escócia é a eterna preocupação da política francesa”.

Tão logo o mensageiro levou a Londres a notícia de que Jaime V falecera e sua filha recém-nascida era a herdeira e rainha da Escócia, o rei Henrique VIII resolveu conseguir essa preciosa noiva para seu filho Eduardo, ainda menor. O pensamento era unir os herdeiros dos dois tronos. Essa união era indispensável à segurança e tranqüilidade da Inglaterra. Mas a mãe de Maria Stuart não queria entregá-la à heresia protestante anglicana e escondeu a menina. O cerco se apertava cada vez mais, quando a França decidiu transformar a rainha da Escócia em rainha da França. Henrique II pediu a Maria de Guise a mão da menina para seu filho Francisco, herdeiro do trono francês, o futuro Francisco II. Assim, a pequenina filha dos Stuarts em vez de ser destinada a rainha da Inglaterra, era agora escolhida para rainha da França. Toda a marinha inglesa foi mobilizada para impedir Maria Stuart de sair da Escócia e chegar ao solo francês. Essa façanha de raptar a futura rainha da França foi confiada a Nicolas Durand de Villegagnon, que a desempenhou com extrema habilidade e vencendo os riscos mais espetaculares.

Villegagnon estava bem informado sobre a Escócia por intermédio de seu amigo o grande poeta Ronsard, que havia sido secretário da embaixada da França em Edimburgo. Nesse empreendimento arriscado comandava ele quatro galeras, entre elas a galera real. Seus remadores foram escolhidos nas prisões francesas pelo seu ódio aos ingleses e com promessa de libertação. Ele fazia parte de uma expedição de 6.000 homens para ajudar Maria de Guise contra os ingleses. Enquanto as tropas desembarcavam em Leith, Villegagnon sorrateiramente contornou a Escócia pelo norte, cruzando mares turbulentos, até a foz do rio Clyde, que ele subiu até a fortaleza de Dumbarton, onde estava refugiada Maria Stuart. Conseguiu enganar os ingleses, voltou pelo mesmo perigoso caminho e a 13 de agosto de 1548 aquela menina de pernas esguias e cabelos louros esvoaçantes desembarcava em um pequeno porto perto de Brest. Dias depois, ela era recebida com toda a pompa pelo rei Henrique II no castelo de Saint Germain-en-Laye. Tivesse Villegagnon fracassado em sua missão, a história da Europa no século XVI seria bem diferente. Tinha ele então 38 anos de idade.

A jogada foi sensacional, os ingleses estavam humilhados e Villegagnon chegou ao cume de sua glória na cômte francesa. Adquiria ele também a gratidão do poderoso Duque de Guise, tio de Maria Stuart, o que lhe seria muito útil após a aventura fracassada no Brasil. Mas Henrique II mandou-o de volta à Escócia com dobrões de ouro para os nobres católicos escoceses continuarem a resistir aos ingleses. Villegagnon participou também na defesa de Firth, arrasou as instalações inglesas da ilha de Guernesey e atacou os navios ingleses que encontrou no caminho. Em 1551, três anos depois, seria celebrado um tratado de paz com os ingleses, que cederam Boulogne à França.

Henrique II lhe foi reconhecido e Villegagnon desempenhou ainda diversas missões reais junto à Montmorency e ao Duque de Aumale. Voltou a lutar no Mediterrâneo, chefou um comando na Inglaterra e salvou as galeras reais que estavam em perigo em Rouen. Em 1551, estava outra vez na Itália, mas foi feito prisioneiro dos austríacos e levado ao castelo de Cremona. Villegagnon apelou diretamente ao imperador e Carlos V mandou libertá-lo sob promessa de “ele só pegar em armas contra os inimigos da santa religião”.

Villegagnon foi enviado à Malta, onde a situação dos cavaleiros era periclitante diante da ofensiva dos turcos, que chegaram a ocupar a ilha vizinha de Gozzo, em 1551. Villegagnon defendeu exitosamente Malta, mas acabou se desentendendo com o grão-mestre Omèdes, cujo raciocínio era simplista: “Os franceses são cavaleiros de Malta, mas seu rei é um aliado de Suleiman”. E a briga com Omèdes não ficou por aí.

Estava ele descansando em Provins em 1552, quando decidiu intervir em defesa de seu amigo Gaspard de Vallier, acusado de traição e cumplicidade com os turcos, na queda de Trípoli, pelo grão-mestre da Ordem de Malta. Villegagnon escreveu ao imperador Carlos V pedindo a libertação de Vallier e fornecendo pormenores da disputa. Enviou-lhe também o importante relatório *De Bello militansis* e o imperador mandou libertar Vallier contra a vontade de Omèdes. Assim, o bravo cidadão de Provins havia conseguido a confiança de dois reis de França, Francisco I e Henrique II, como também da maior personalidade européia do século, o imperador Carlos V. Mais tarde conquistaria as graças de Francisco II (marido de Maria Stuart) e também de Catarina de Médicis e de Carlos IX, além dos Duques de Guise. Vemos, portanto, que o futuro “Vice-rei do Brasil” não era um simples pirata ou um aventureiro vulgar, mas sim uma personalidade altamente estimada na corte francesa pela sua valentia, habilidade diplomática e preparo intelectual.

Villegagnon regressou à Paris e, em setembro de 1552, Henrique II lhe confiou outra missão: fortificar o porto de Brest, ameaçado pelos ingleses, e o nomeia então Vice-Almirante da Bretanha, rara honraria: tinha 42 anos. Nessa época, Villegagnon enviou um relatório ao Cardeal Du Bellay, em Roma, no qual concluía afirmando que a França jamais poderia dominar o Mediterrâneo sem antes ocupar a ilha de Córsega, que na época pertencia à república de Gênova. Em 1559 seus sagazes conselhos estratégicos foram ouvidos e a França ocupou militarmente a Córsega por algum tempo. A ilha só foi incorporada permanentemente à França a partir de 1769, e de lá sairia mais tarde Napoleão Bonaparte para ser o grande imperador francês. Constatamos, portanto, que Villegagnon tinha notável visão geopolítica, pois foi dos que encorajaram o rei Henrique II a construir uma importante marinha real.

Pouco depois, Villegagnon já estava longe, em missão secreta. Onde? No Brasil! No verão de 1554 Villegagnon visitou duas vezes a

região de Cabo Frio, tomou contato com os índios tamoios, informou-se dos hábitos das pequenas guarnições portuguesas e colheu dados indispensáveis para a grande aventura que seria a França Antártica. Seus objetivos eram ambiciosos: ocupar a baía de Guanabara como base militar para depois expulsar totalmente os portugueses do Brasil.

*

É tempo agora de fazermos outro parênteses para comentar a questão religiosa na França, que na metade do século XVI estava num *crescendo* perigoso e que culminou com a terrível noite de São Bartolomeu, em 1572.

Jean Cauvin (1509-1564), nascido em Noyon, fez seus estudos médios em Paris e de teologia e direito em Orleans e Bourges. Transferiu-se depois para Paris, onde redigiu um discurso para o reitor da Universidade, em 1531, sermão considerado herético, mas que obteve considerável repercussão. Foi colega de Villegagnon nos colégios La Marche e Montaigu e na Universidade de Orleans, segundo afirma seu biógrafo Bernard Cottret. Calvino depois mudou-se para Poitiers e de lá para Basileia, onde ele fundou sua primeira igreja reformista. Em 1536, fixou-se definitivamente em Genebra.

Seu prestígio cresceu desmesuradamente e transformou Genebra na Roma protestante. Em 1544, Calvino escreveu o **Tratado da Ceia**, cujo texto provocaria violentas polêmicas na Europa. Negava ele a presença divina na eucaristia, principal motivo das vivas controvérsias entre Villegagnon e os calvinistas na França Antártica. A partir do ano 1555, a França estava profundamente dividida por lutas fratricidas entre os católicos fiéis ao rei e os huguenotes, em sua maioria calvinistas, agrupados em torno do almirante Coligny e dos nobres rebeldes contra a autoridade real, cujas forças militares eram chefiadas pelo Príncipe de Condé.

*

Ao abordarmos a tentativa de instalação da França Antártica, devo recordar o que afirmamos a princípio: a França jamais reconheceu a divisão do mundo pelo Papa entre Portugal e Espanha. Desde o início do século XVI havia na cômte francesa vários defensores de uma ofensiva militar nas Américas, após bem sucedidas viagens de navegadores franceses ao norte do Brasil. A Inglaterra e a Holanda tampouco acatavam a decisão papal e o fizeram com ainda maior desenvoltura do que a França, uma vez que eram países protestantes e não deviam obediência espiritual à Roma. Vamos nos circunscrever neste estudo à França Antártica, que vinha com ambiciosos desígnios, isto é, expulsar os portugueses do Brasil e aqui instalar diversos núcleos colonizadores para comerciar com a metrópole. Villegagnon não teve tempo nem meios de iniciar essa ocupação militar permanente do Brasil, mas mesmo assim enviou uma missão exploratória à foz do Rio da Prata, que não teve sucesso.

A iniciativa da expedição foi de Villegagnon e houve consenso na cômte francesa de encarregá-lo da chefia, considerando que, em 1554, ele já havia feito viagem exploratória até Cabo Frio. De acordo com documentos consultados, não houve oposição do rei Henrique II nem do Primeiro Ministro Coligny, aconselhados pelos armadores do porto de Dieppe, que estavam vivamente interessados na operação sob o aspecto comercial. Lembro que os dois pontos iniciais da colonização portuguesa estavam na Baía e em São Vicente, SP., e ambos eram núcleos ainda incipientes, de fácil submissão por uma expedição numerosa e fortemente armada. O fator principal, portanto, era surpresa e urgia atacar enquanto as colônias lusas estavam mal guarnecidas e mal implantadas. Assim sendo, tudo foi planejado em Paris dentro do maior segredo para não despertar a atenção do embaixador de Portugal junto à cômte francesa. Villegagnon era, sem dúvida, o melhor chefe possível, dado à sua bravura, preparo militar, experiência nas lutas do mar, inteligência e cultura superiores. O seqüestro de Maria Stuart comprovara sua extraordinária habilidade em condições extremamente perigosas e seu bom trabalho na fortificação do porto de Brest o indicavam para a missão de conquistar e fortificar a base principal do que seria a França Antártica. Entretanto, a situação político-religiosa na metrópole e a penúria do erário francês não permitiram enviar reforços substanciais para fortalecer a cabeça de ponte instalada por Villegagnon no Rio de Janeiro.

Mas os vínculos comerciais entre a França Antártica e a metrópole já estavam bem delineados e em pleno funcionamento. Numerosos navios mercantes franceses de pequeno porte, naqueles quatro anos apenas de ocupação, já estavam levando para a França numerosos produtos brasileiros, sobretudo carregamentos de pau-brasil. Dois importantes armadores de Dieppe já estavam se aprestando a enviar grandes navios mercantes ao Brasil quando Mem de Sá conseguiu dismantelar a base naval francesa no Rio de Janeiro. Um dos objetivos de Villegagnon, tão cedo tivesse meios para isso, era interceptar os galeões espanhóis e portugueses que regressavam do extremo-oriente carregados de especiarias. A falta de recursos financeiros no momento, as disputas religiosas e a política de casamentos nas côrtes européias impediram que seu brilhante plano se concretizasse.

*

Desde o final do século XV falava-se do Brasil na França, embora ainda não se empregasse o nome atual. Em 1488, o normando Jean Cousin descobriu a foz do rio Amazonas. Poucos anos depois o armador francês Jean Ango levou do Brasil para a França madeiras, produtos tropicais e alguns indígenas. A viagem de Villegagnon ao Cabo Frio, em 1554, informou-o de que os portugueses raramente saíam de sua capitania e que os tamoios não gostavam de como eram tratados pelos colonos portugueses. Armadores franceses levaram para a França numerosos índios tupinambás e tabajaras, que organizaram, em outubro de 1550, uma grande festa e torneios em Rouen.

Em 1554, o rei Henrique II ordenou ao almirante Coligny (ainda católico na época) a preparação de uma expedição ao Brasil e entregou a Villegagnon o seu comando. A subvenção era pequena (10.000 libras), mas os armadores de Dieppe decidiram investir na expedição, que lhes augurava bons lucros. No entanto, seu célebre amigo, o poeta Ronsard, escreveu-lhe: "Villegagnon: estás por cometer um grande erro". Villegagnon teria convencido o rei Henrique II e a bela Diana de Poitiers, após uma exposição de quatro horas sobre as possibilidades comerciais de uma expedição ao Brasil.

A tripulação da pequena frota era a mais heterogênea, já que foi difícil encontrar voluntários. Villegagnon percorreu as prisões do norte da França, prometendo a liberdade aos que aderissem à expedição, e essa baixa qualidade de seus seguidores iria causar-lhe não poucas dificuldades. A tripulação das duas caravelas e da outra nau de menor porte era de 600 pessoas aproximadamente, número elevadíssimo para tão exígua frota. Levava ele uma guarda pessoal de escoceses, que lhe foi muito útil nos momentos difíceis que iria encontrar no Rio de Janeiro. Seguiu com ele também um índio tabajara na qualidade de intérprete, em companhia de sua esposa francesa. Partiram de Dieppe a 14 de agosto de 1555 e chegaram a Búzios a 31 de outubro, após tentativa malograda de embarcar água doce em Tenerife. Os espanhóis receberam-no a tiros de canhão.

Ao fundear na Guanabara, hesitou entre a costa de Niterói e a região hoje denominada Glória. Decidiu-se porém por uma pequena ilha toda verde, onde tratou de instalar fortificações apropriadas. Essa fortaleza foi batizada com o nome do almirante Coligny, em homenagem ao organizador da expedição. Na época ainda não eram inimigos. Essa ilha ficou depois conhecida pelos portugueses com o nome de Villegagnon, o que permanece até hoje. A ilha era verde, mas tinha o grave inconveniente de não ter água potável. Villegagnon fez escavar imediatamente um grande reservatório na rocha, suficiente para armazenar água para um cerco de vários meses. No interim, começou a instalar no continente uma pequena povoação, a que deu o nome de Henriville, em honra ao seu soberano. O local aproximado estava entre os morros do Castelo e o da Glória, que depois seria o verdadeiro centro do Rio de Janeiro português. Podemos até afirmar que o fundador do Rio de Janeiro foi Villegagnon, já que depois de sua volta à França os portugueses confirmaram a sua escolha do local para a nova cidade lusitana.

Fator significativo para o sucesso inicial da França Antártica foi o bom relacionamento que Villegagnon soube cultivar com os índios tupinambás. Ele evitou os erros cometidos pelos portugueses e conseguiu até uma amizade pessoal com o poderoso cacique Cunhambebe. Mesmo depois da derrota em 1560, os tupinambás continuaram fiéis amigos e acolheram numerosos franceses que se refugiaram no interior. Mas voltemos às providências iniciais de Villegagnon.

Ao mesmo tempo que tornava habitável a ilha, ele decidiu instalar um fortim de madeira na atual ilhota da Laje, a que deu o nome de Ratier. Hoje vemos essa grande pedra de 30 por 20 metros, por vezes lavada pelas águas das altas marés, utilizada pela marinha brasileira com a mesma finalidade de proteção à entrada da barra. Villegagnon instalou nesse precário fortim de madeira uma bateria de peças de artilharia, que habilmente dispostas deveriam impedir a entrada de qualquer nau inimiga. No livro de Gilberto Ferrez, *O Rio de Janeiro e a defesa do seu porto*, vê-se um mapa baseado em um desenho de André Thevet em 1556, onde se observam com pormenores as fortificações e as casas construídas por Villegagnon. Ao contrário do que disseram seus inimigos calvinistas, ele só conservou na ilha cerca de 80 pessoas. Os demais estavam em Henriville.

O ano de 1556 foi utilizado para preparar grandes plantações de mandioca, legumes e hortaliças, que Villegagnon mandou fertilizar com algas marinhas, como havia aprendido no Mediterrâneo. Navios chegavam da França e voltavam carregados de mercadorias locais, que eram disputadas nas feiras francesas. Na côrte francesa já se falava na França Tropical com a naturalidade de um sucesso completo. O famoso poeta Ronsard, seu amigo de toda a vida, entusiasmou-se e compôs uma ode a Villegagnon, a quem chama de “douto”. Canções e baladas parisienses celebravam os feitos de Villegagnon e, em março de 1557, o rei Henrique II taxou em 20 sous por tonelada os navios mercantes que demandavam o Rio de Janeiro. Entretanto, o soberano não enviava reforços mititares, nem dinheiro para consolidar a valiosa cabeça-de-ponte da França Antártica.

Os primeiros problemas graves para o Vice-rei do Brasil surgiram pelo comportamento de sua soldadesca tão heterogênea em relação às moças indígenas. Villegagnon exigia que eles se casassem formalmente com elas, o que resultou em uma pequena rebelião. Houvesse ele sido mais tolerante, ou menos intransigente, não teria alienado alguns de seus melhores seguidores. Na realidade, só ocorreram duas revoltas contra a autoridade do vice-rei, que as reprimiu com dureza.

No ínterim, complicava-se a situação religiosa na França. Nesta altura o almirante Coligny já se convertera à Reforma e teve a idéia de transformar a França Antártica em refúgio seguro para os calvinistas

franceses. Protestantes ricos contribuíram para uma nova expedição e até algumas conhecidas personalidades huguenotes aderiram à iniciativa, recrutando também pastores e artesãos. Calvino divulgou a notícia de que Villegagnon lhe escrevera pedindo auxílio financeiro e a remessa de colonos protestantes, mas isso nunca ficou comprovado. Nenhum historiador jesuíta jamais acusou Villegagnon de tentar instalar uma colônia calvinista no Brasil.

Ao chegar a nova leva de franceses e suíços ao Rio de Janeiro, em maio de 1557, sob o comando de Bois-le-Comte, o sobrinho de Villegagnon, as relações entre católicos e protestantes eram cordiais, pois Villegagnon fez questão de recebê-los bem. No interesse da paz na colônia, ele permitiu a liberdade de culto, mas não tardaram a surgir os primeiros incidentes. Os calvinistas foram extremamente inábeis nas tentativas de catequese dos índios e Villegagnon teve de intervir. Espoucaram depois querelas religiosas entre os franceses, sobretudo em relação à eucaristia. O próprio Villegagnon foi assediado por pastores intransigentes a converter-se ao calvinismo e ele resistiu firmemente. Os humores foram se azedando e os protestantes iniciaram uma violenta campanha pessoal contra o vice-rei, que, apesar de tudo, nunca os hostilizou, nem os agrediu fisicamente ou os mandou prender. O biógrafo Arthur Heulhard afirmou que Villegagnon teria pensado em uma igreja brasileira, menos rígida e mais chegada à natureza e aos costumes dos indígenas. Os calvinistas chegaram a proclamar que ele pretendia fundar uma dinastia independente da França com a filha do cacique Cunhambebe, a bela Jacy, mas isso foi negado vivamente por Villegagnon, que havia feito voto de castidade como cavaleiro de Malta.

No final de 1557 a situação estava insustentável, mas Villegagnon agiu com firmeza, sem decisões discriminatórias. Desistindo de se impor ao vice-rei, os pastores e alguns líderes calvinistas resolveram regressar à Europa e já iniciaram uma tremenda campanha contra Villegagnon, que aliás poderia ter impedido a sua volta à França. Em sua vingança, tentavam arruinar o homem e destruir uma colônia tão promissora. No livro *Singularitez de la France Antarctique*, André Thevet defendeu Villegagnon daquelas acusações insensatas, disseminadas por Calvino, que o chamava de "O Caim da América"! O espaço que nos foi reservado não permite relatar dia-a-dia as disputas

internas na colônia, que aliás estão muito bem comentadas na obra de Chermont de Brito, que pode ser lida na Biblioteca do IHGB, e nas excelentes biografias de Heulhard (1897) e Peillard (1991).

Recapitulando: Villegagnon escreveu carta a Calvino em 31 de março de 1555, reproduzida no livro de Jean de Léry, contando as dificuldades que estava encontrando mas deixou de mencionar divergências religiosas que afetavam a colônia. Em uma segunda carta à Calvino, meses depois, ele já se referia a essas divergências e rejeitava claramente a Reforma, denunciando a falta de realismo da delegação protestante na catequese dos indígenas. No intervalo entre as duas cartas deu-se a ruptura completa entre católicos e calvinistas sobre o significado da Ceia do Senhor e a presença de Cristo na comunhão. É incrível que uma simples querela religiosa estivesse pondo a perder uma comunidade que já era um sucesso e tinha imenso futuro para a França!

Em 30 de novembro de 1557, Villegagnon escreveu outra carta ao Duque de Guise (tio de Maria Stuart) solicitando auxílio financeiro dele e do rei para desenvolver a colônia. Curiosamente, também não mencionou as graves divergências já existentes com os calvinistas. Graças à interferência do almirante Max Justo Guedes, diretor do nosso Museu Naval, essa carta foi arrematada em leilão em Londres e agora está no excelente Espaço Cultural da Marinha, no Rio de Janeiro.

Seja como for, a má imagem de Villegagnon no Brasil até hoje deve-se sobretudo ao excelente livro, sob o aspecto etnográfico, do calvinista Jean de Léry, que teve várias edições periódicas na Europa (a última de 1995), e no Brasil. Essa obra contém tremendas injúrias a Villegagnon, que foram reproduzidas com freqüência por nossos historiadores. A verdade é que, quando ocorreu a ruptura com os calvinistas, a colônia estava próspera, as fortificações eram sólidas, Henriville estava bem implantada e o comércio marítimo de madeiras com a França crescia rapidamente.

As notícias que chegavam da França por navios mercantes alarmavam Villegagnon, preocupado com a campanha difamatória dos calvinistas contra ele. Hesitou bastante em viajar à Paris para justificar-se e rebater as acusações terríveis espalhadas pelos calvinistas, despeitados pelo seu fracasso. O clamor contra ele chegou a tal ponto que Henrique II decidiu chamá-lo para explicações. Villegagnon afinal embarcou em

maio de 1559 numa verdadeira arca-de-Noé, pois a sua caravela levava boa quantidade de pau-brasil, jacarandá e acajú, plantas medicinais, animais e cerca de 50 tupinambás. Ele estava preparando um dicionário franco-tupi, com a colaboração de André Thevet, e durante a viagem de volta deu-lhe os últimos retoques.

Ao desembarcar em França encontrou duas novidades desfavoráveis a ele: seu ilustre protetor, o rei Henrique II, acabava de falecer e o influente ministro Coligny, agora convertido ao calvinismo, passou a ser seu inimigo declarado. Salvaram-no seus amigos Montmorency e o Duque de Guise, aos quais pode comprovar sua inocência e boa fé. A jovem rainha Maria Stuart, mulher do novo rei de França, Francisco II, não havia esquecido seu salvador das brumas da Escócia e também lhe deu todo o apoio. Contra a vontade de Villegagnon, os indígenas que levou para o Brasil foram exibidos em feiras francesas. Aliás, o rei Carlos IX fez questão de conversar com eles e consta até que Montaigne teria entrevistado alguns tupinambás e utilizado suas respostas em seus escritos. Dois desses indígenas fizeram estudos universitários na França e tornaram-se altos funcionários da coroa. Outro desses indígenas brasileiros chegou a ser o responsável pelos belos jardins do castelo de Fontainebleau.

Algumas palavras sobre o fim da França Antártica. Portugal acompanhava a experiência francesa com a maior preocupação e a notícia do regresso de Villegagnon à França levou o governador Mem de Sá a instar com Lisboa que era o momento oportuno de agir rapidamente. Dona Catarina, a regente do reino (Dom Sebastião era menor), mandou preparar importante armada e já a 30 de novembro de 1559 a expedição aportou na Bahia. Sob o comando de Bartolomeu de Vasconcelos, a armada constava de 26 navios, poderosa artilharia, munição em abundância e mais de dois mil homens bem treinados. As províncias de Ilhéus, Porto Seguro e São Vicente contribuíram com numerosos contingentes. A 21 de fevereiro de 1560 chegaram às vizinhanças da Guanabara, mas breve se deram conta de que a ilha era inexpugnável. Repetidos ataques de surpresa falharam. Uma gravura da época mostra os navios portugueses em formação de semicírculo, atirando contra as defesas da ilha, que eram excelentes, tanto que nesses ataques morreram 132 portugueses e apenas

um francês. Bois-le-Comte resistiu a intensos bombardeios por cerca de vinte dias.

Mas Mem de Sá habilmente desistiu de atacar o forte e resolveu desembarcar e tomar a povoação indefesa de Henriville, que foi em parte destruída e seus habitantes, índios e franceses, passados a ferro e fogo. Por sua vez, os franceses compreendendo que a sua resistência tinha limitações, resolveram abandonar a ilha-fortaleza, já bastante destruída, e embrenharam-se no interior. A artilharia francesa foi levada para Lisboa como troféu e até hoje é exibida em museu. Fica no ar uma pergunta: se Villegagnon estivesse no Rio quando ocorreu o ataque português, o desfecho seria diferente? Talvez os portugueses nem sequer tivessem ousado se apresentar na Guanabara, tal o prestígio militar de Villegagnon. Os lusos foram incentivados pelo padre Manuel da Nóbrega, que comparava Villegagnon ao próprio demônio...

Durante os anos seguintes os portugueses temeram a volta de Villegagnon e fortificaram toda a região. Em 1561 ele instou com a regente Catarina de Médicis (Francisco II faleceu muito jovem e só reinou dois anos) para organizar uma forte expedição francesa para reforçar a colônia. Já havia consenso nesse sentido, quando chegou à Paris a notícia do ataque e da vitória portuguesa. Desmontada a base naval francesa, tudo ficava então muito mais difícil e o plano de Villegagnon foi posto de lado. Apesar disso, armadores normandos em 1567 chegaram a aparelhar oito navios no porto do Havre e jesuítas franceses deveriam acompanhá-los, mas tudo foi adiado. Desiludido, Villegagnon, que havia investido sua fortuna no Brasil, apresentou ao embaixador de Portugal em Paris um pedido de reparação financeira pelas grandes perdas sofridas no Brasil. Curiosamente, o governo português apressou-se a indenizá-lo com 3.000 ducados e com isso Villegagnon considerou encerrada a aventura brasileira. Os portugueses devem ter ficado aliviados... Na realidade, Villegagnon não tinha direito a indenização alguma, pois ele invadira a seu próprio risco um território português.

Os remanescentes da França Antártica sobreviveram na região até 1567, quando Estácio de Sá atacou e tomou de assalto o morro da Glória, ocupado e fortificado pelos franceses. Na luta, que foi feroz, Estácio de Sá perdeu a vida, vítima de uma flechada de um índio. Finalmente, as partes chegaram a um acordo e quatro naus levaram para

a pátria a maioria dos franceses. Alguns ainda decidiram ficar, vivendo com os tupinambás, e só regressaram à pátria em 1603.

Para encerrar esta parte de nosso estudo, ensaiemos uma avaliação da verdadeira significação da França Antártica. Villegagnon foi admirável em sua organização militar e colonizadora, habilíssimo no trato com os índios, que lhe foram fiéis até o final. Pecou talvez pelo excesso de disciplina e de intransigência religiosa. É verdade que ele tentou acomodar-se com o agressivo zelo catequizador dos pastores protestantes e, na semana santa de 1557, decretou até uma espécie de páscoa ecumênica, mas isso não bastou. Os calvinistas radicalizaram e Villegagnon, em vez de insistir na busca de uma trégua religiosa, agiu como bom cavaleiro de Malta e bateu de frente com os calvinistas. Se tivesse deixado o tempo passar e não houvesse regressado à França para defender-se, mui provavelmente os portugueses não teriam ousado atacar. Mem de Sá, em relatório à Lisboa, elogiou o comportamento de Villegagnon e sua habilidade na organização da colônia e no trato com os indígenas. E o famoso escritor inglês Southey definiu muito bem a conjuntura: "Se Villegagnon não tivesse brigado com seus compatriotas - um pouco por sua culpa e muito mais por culpa deles - o Rio de Janeiro seria provavelmente a capital de uma grande colônia francesa no Brasil".

*

Algumas poucas linhas sobre a situação da Europa ao encerrar-se a aventura da França Antártica. Em 1553, Maria Tudor sucedeu a Eduardo VI e impôs à Inglaterra a restauração católica. Em 1556, abdicação de Carlos V. Em 1558, morte de Maria Tudor e coroação de Elisabeth. 1559, morte de Henrique II e coroação de Francisco II, marido de Maria Stuart. 1561, morte de Francisco II e volta de Maria Stuart à Escócia. Catarina de Médicis assume a regência na França até a maioridade de Carlos IX. 1562, começam as guerras de religião na França e o país é devastado. 1566, morte de Suleiman. 1568, Maria Stuart prisioneira de Elisabeth I. 1572, morte de Villegagnon e o massacre de São Bartolomeu.

Mais algumas palavras sobre o primeiro ministro Coligny (1519-1572). Sobrinho do condestável de Montmorency, foi elevado a

almirante da França em 1552, sem ser marinheiro. Em 1555, aderiu à reforma de Calvino e participou ativamente, ao lado do príncipe de Condé, nas guerras de religião. No entanto, exerceu considerável influência sobre Henrique II, Francisco II, Catarina de Médicis e Carlos IX, com os quais alternou períodos de oposição e fidelidade. Foi assassinado na noite de São Bartolomeu. Apoiou Villegagnon na implantação da França Antártica e, depois dos incidentes do Rio de Janeiro, passou a combatê-lo, pois se convertera ao calvinismo.

*

Depois da derrota francesa no Rio de Janeiro em 1560, Villegagnon não teve outra alternativa senão conformar-se com a realidade e tratou de ajustar-se à difícil conjuntura na França. Sua situação financeira não tinha nada de brilhante e só melhorou depois de receber a indenização do governo português. Seus amigos, a família e os cavaleiros de Malta se esforçaram por dar-lhe um posição honrosa. Tinha ele então cinquenta anos, idade que, na época, já era o começo da velhice. Teve a sorte de que seu amigo e lugar-tenente na aventura do seqüestro de Maria Stuart, Jean Parisot de la Valette, acabava de ser eleito grão-mestre da Ordem de Malta.

Por uma bula de 18 de maio de 1560, Parisot doou a Villegagnon a comandaria³ de Beauvais-en-Gatinais, situada perto de Nemours. Os termos da bula recordam os méritos do agraciado: "*L'insigne qualité de tes vertus, les nombreux dons de l'âme dont tu es revetu et par lesquels tu te recomendas à nous, en outre les lovables services que tu a rendus à notre religion et que tu lui rendras certainement dans l'avenir, méritent que nous t'élevions au gouvernement et bénéfice de notre Ordre*". Como vemos, os católicos da França não acreditaram nas calúnias espalhadas pelos calvinistas despeitados pelo fracasso de sua intervenção no Brasil.

Beauvais-en-Gatinais seria o refúgio final de Villegagnon, mas isso não significou que ele se limitou a gozar as mordomias da comandaria. Pelo contrário, continuou ativíssimo após um ligeiro descanso

⁽³⁾ As comandarias eram departamentos administrativos da Ordem de Malta.

para reorganizar suas finanças e seu novo bailio, aliás bastante rentável. Recebia ele como rendas anuais cerca de 3.600 libras e, além das propriedades em Beauvais, ainda dispunha de uma confortável residência em Nemours, que Villegagnon ocupava amiúde. Parisot, portanto, foi generoso com seu antigo chefe. O irmão de Villegagnon, Felipe, por um ato diante do tabelião de Jouy, de 15 de novembro de 1560, deu-lhe também o usufruto das casas, das terras e da senhoria de Villegagnon pelo resto da sua vida. Contata-se assim, mais uma vez, que Villegagnon não era o monstro, o tirano, o assassino pintado pelos pastores reformistas que estiveram na França Antártica.

Uma vez reorganizada sua vida na França, Nicolas reformou a antiga querela com Calvino. Passou uma temporada em Paris na residência do grão-mestre da Ordem de Malta e lá redigiu um documento intitulado *Resposta aos artigos que os ministros de Calvino haviam publicado na França Antártica sobre a eucaristia*. Seu texto teve a aprovação do cardeal de Lorena e posteriormente do rei de França. Enviou cópias ao duque de Montmorency, aos magistrados de Genebra e a Calvino. Com isso queria obrigar Calvino a aceitar um debate público, um duelo oratório com testemunhas e claras punições ao perdedor. Enfurecido, Calvino rasgou o documento e o pisoteou. Enviou recado a Villegagnon que se ele viesse à Genebra não sairia vivo. Como tanto Calvino como os magistrados de Genebra se recusavam ao debate, a opinião pública na França considerou o desfecho como uma vitória de Villegagnon. Isso também comprova a capacidade intelectual de Villegagnon e os seus profundos conhecimentos da fé católica.

Como Calvino não aceitou o desafio de debater com ele, Villegagnon tentou forçar o almirante Coligny a se definir entre a fé católica e a heresia. O biógrafo Peillard comentou que esta seria uma boa oportunidade para esclarecer as responsabilidades do fracasso no Brasil. Mas tal como Calvino, Coligny encolheu-se ao desafio. Pouco depois ocorreu o fato que iria desencadear as terríveis guerras de religião na França. A morte de Francisco II, marido de Maria Stuart, elevou ao trono um menino de 15 anos, Carlos IX, e deixou o governo nas mãos da viúva de Henrique II, a rainha-mãe italiana Catarina de Médicis. Nesse ano de 1561 os calvinistas dispararam novamente violentas acusações contra Villegagnon, tachando-o de ateu, bêbado, anabatista, sedicioso, frenético,

insensato etc, visando desforrar-se dele pelo desafio a Calvino. Imprimiram um folheto de oito páginas contra Villegagnon, que não continha o nome do autor, nem do editor e nem da cidade onde foi impresso. O autor pode ter sido Theodore de Bèze, assistente direto de Calvino, ou Pierre Richer, um dos pastores que estiveram no Rio de Janeiro, que o pintou como se fosse um ciclope... Richer colaborou no texto de Jean de Léry, o que vem prejudicando a imagem de Villegagnon há mais de quatro séculos.

Na época, Villegagnon foi escolhido pelo grão-mestre da Ordem de Malta como seu embaixador junto ao Concílio de Trento, mas não pôde comparecer por motivo de doença, ou porque ele não aprovava a conduta escandalosa do papa Julio III. A 17 de janeiro de 1562, Catarina de Médicis assinou um edito autorizando os huguenotes a exercer seu culto fora das cidades e no interior de suas casas. Para os católicos isso foi demais e para os protestantes, de menos, e as violências e assassinatos prosseguiram. Mercenários suíços e alemães cometeram atrocidades de ambos os lados. O Príncipe de Condé solicitou auxílio da Rainha Elisabeth para a causa protestante e o risco era imenso: a Normandia poderia cair nas mãos dos ingleses.

E o "velho" Villegagnon pegou em armas novamente por ocasião do cerco de Rouen, sitiada pelos católicos. Armado da cabeça aos pés, Villegagnon foi dos primeiros a entrar nas brechas abertas nas muralhas pela artilharia dos católicos. Infelizmente, um golpe de arcabuz feriu-o. Ao cair por terra quebrou uma perna e teve de ser retirado da batalha. Rouen foi tomada finalmente pelos católicos e Villegagnon convalesceu em Plombières, aproveitando suas águas minerais. Depois desse acidente, ele passou a mancar de maneira permanente, embora mais tarde tenha podido cavalgar novamente. A 10 de janeiro de 1563, Pereira Dantas, embaixador de Portugal em Paris, recebeu a visita de um cavaleiro que caminhava com dificuldade, apoiado em uma bengala. Era Villegagnon, que vinha pedir indenização ao governo português...

Seu amigo François de Guise foi assassinado no mesmo ano e isso abateu Villegagnon. A situação dos católicos na França estava periclitante e Villegagnon chegou a tomar providências para viajar até a Espanha para oferecer seus serviços ao rei Felipe II, filho de seu antigo protetor Carlos V. Antes porém foi recebido em audiência por Catarina de Médicis clamando pelo julgamento de Coligny. A regente ouviu-o

atentamente e lhe disse: “*Assurez-vous, Villegagnon, je suis votre amie*”; mas não tomou providências, evitando agravar ainda mais a questão religiosa. Villegagnon tinha 53 anos e estava cansado: voltou a Beauvais e passou o ano seguinte tratando de seus problemas de rotina na administração.

Em janeiro de 1565, Villegagnon estava de novo de armas na mão para acompanhar o Cardeal de Lorena, que desejava entrar à força em Paris com seus alabardeiros. Montmorency, governador da capital, desarmou-os na porta de Saint-Denis, inclusive nosso herói que estava na primeira fila ao lado do cardeal. Os poetas huguenotes aproveitaram para fazer versinhos e canções debochando de Villegagnon.

Pouco depois ele teve de entrevistar-se novamente com Catarina de Médicis por assuntos da Ordem de Malta. A regente pretendia oferecer o grande priorato da França ao cavaleiro Michel de Seurre, mas a direção da Ordem discordou e encarregou Villegagnon de apresentar suas *remontrances* à Rainha-mãe. Ele defendeu tão bem os pontos-de-vista da Ordem nessa audiência que Catarina lhe deu ganho de causa e o cavaleiro de Seurre não foi nomeado.

Em julho de 1566, Villegagnon aceitou acompanhar a Henrique, jovem duque de Guise (filho de seu amigo François, recém-assassinado), à Hungria. O rapaz só tinha 16 anos e Villegagnon deveria aprimorar a educação militar do príncipe. Villegagnon aproveitou para redigir cartas e relatórios diplomáticos e militares ao Cardeal de Lorena sobre as intenções dos turcos e do imperador. De volta, esteve na Alemanha, mas regressou à calma de Beauvais. Nesse ínterim, a guerra religiosa tomava maior volume, e Condé e Coligny prepararam um golpe para seqüestrar Catarina e Carlos IX, visando que abolissem os entraves comerciais contra os huguenotes. Catarina foi salva pelos mercenários suíços e compreendeu finalmente que não podia continuar a contemporizar com os protestantes. A guerra civil esquentou novamente e Villegagnon foi nomeado governador da cidade de Sens, uma das entradas da capital. Seu protetor Montmorency acabara de morrer em uma escaramuça perto de Paris.

A situação das tropas reais, católicas, ficou precária, tanto mais que os sucessores de Montmorency, os Duques de Anjou e de Guise eram pouco experientes em face dos competentes chefes protestantes

Coligny e Condé. Villegagnon foi notável na defesa de Sens, pondo em fuga as tropas muito mais numerosas do Príncipe de Condé. Logo depois ele se apoderou de Auxerre, fechando definitivamente o caminho de Paris para os protestantes. Em 1568, Condé foi morto e Coligny refugiou-se na Alemanha. Foi a vez dos *chansonniers* de Paris cantar as proezas de Villegagnon... Tinha ele então 58 anos. O Duque de Anjou, que temia a queda de Sens, escreveu-lhe pessoalmente agradecendo sua atuação e iniciou a sua carta por *Mon frère*. Por outro lado, Villegagnon manteve correspondência regular com o rei Carlos IX, informando todos os pormenores da guerra em Sens e Auxerre. Depois da paz, Villegagnon atuou até como urbanista em Sens, lá construindo dois *boulevards* nas áreas destruídas pelos bombardeios dos protestantes. Em março de 1568 a paz foi assinada; Villegagnon deixou Sens completamente reequipada e reorganizada, e voltou a Beauvais. Ele não tinha ilusões sobre aquela paz tão frágil.

No seu bailio, Villegagnon descansou e leu muito. Redigiu outra controvérsia religiosa contra o luterano Valentin Vannius e levou seu manuscrito à Sorbonne, obtendo aprovação da faculdade de teologia. No entretanto, a guerra religiosa reacendeu-se e Villegagnon teve novamente de deixar a pena pelas armas. Designado para defender a região de Sens, ele não perdeu tempo. O duque d'Alençon escreveu ao rei Carlos IX: "*le dit sieur de Villegagnon a jusques ici fort bien nettoyé le pays*" Mas a partir de junho de 1569, ele regressou a Beauvais e não tomou mais parte em batalhas. Carlos IX nomeou-o *gentilhomme* da câmara do rei de França. O gosto pelos estudos de direito foi retomado por Villegagnon e freqüentou a Sorbonne e o Parlamento. Em 1570, ele foi escolhido pela Ordem de Matta como seu embaixador junto à côrte francesa. Era um fim de carreira consagrador para um homem de sessenta anos.

Villegagnon fez ainda várias aparições na corte francesa, mas teve o desagrado de ver a volta de Coligny, outra vez nas graças de Catarina de Médicis. A italiana era admirável na arte de tergiversar, de prometer e não cumprir. A 15 de janeiro de 1571 (1572 pelo novo calendário), Villegagnon falecia em sua cama, como um burguês de Paris. Deus não lhe concedeu a satisfação de saber do assassinato de seu inimigo Coligny, de ouvir que o seu cadáver foi defenestrado, atirado ao

rio Sena e depois pendurado pelos pés. E Villegagnon já estava morto há mais de oito meses quando ocorreu a noite de 24 de agosto de 1572, a trágica São Bartolomeu, na qual milhares de protestantes foram trucidados em toda a França.

Ao falecer, Nicolas Durand de Villegagnon não deixou uma grande herança. Legou todos os seus bens aos pobres de Paris: "*à ceux condamnés à l'éternelle misère, le peuple de Paris*". Foram apenas 1.850 libras, mas depois de impostos e descontos burocráticos, os pobres de Paris só receberam a metade... Villegagnon foi enterrado na capela da comandaria de Beauvais. Na verdade ele não morreu lá e sim em Pluviers-en-Beauce, onde havia ido para fazer uma inspeção. O que resta dele hoje? Uma placa na sua casa natal e uma ilha com seu nome na baía da Guanabara...

*

CONCLUSÃO: VILÃO OU HERÓI?

Um de seus contemporâneos descreveu Villegagnon assim: "audacioso como um francês, esperto como um inglês e dissimulado como um jesuíta espanhol. Sem dúvida, ele foi audacioso, valente e até imprudente em combate. Esperto também para superar as limitações de sua pequena nobreza. Dissimulado por vezes sim e, como um jesuíta espanhol, ele foi sempre fiel a Deus, ao catolicismo e a seu rei.

Os protestantes inventaram que no Brasil ele se havia convertido ao calvinismo e depois repudiado e perseguido ferozmente os calvinistas. Tudo mentira, mas essas mentiras foram repetidas durante séculos e danificaram a sua imagem de bom católico, homem honesto e tolerante. Em 1991 foi publicada na França a biografia de Leonce Peillard, que o defende e refuta todas as invenções de seus inimigos calvinistas. Em 1995, nova edição do livro de Jean de Léry renovou todas as acusações falsas contra Villegagnon.

Será que 420 anos depois de sua morte está sendo revivida a controvérsia entre católicos e protestantes? No entanto, hoje na França, o católico Chirac convive cordialmente com o protestante Jospin...

No Brasil diversos livros e folhetos, desde o século passado, repetem as acusações de Jean de Léry e silenciam a defesa de seu outro contemporâneo André Thevet. Em 1985 o historiador brasileiro Chermont de Brito, membro do IHGB, publicou um livro que defende veementemente Villegagnon. Nós não temos dúvidas em ficar do lado de seus biógrafos Heulhard, Peillard e Chermont de Brito. Ao longo do presente estudo, acreditamos que ficou amplamente provada a inocência de Villegagnon de todas as acusações contra ele. Se houvesse nelas um fundo de verdade, como entender que os reis Francisco II e Carlos IX, Catarina de Médicis, a Ordem de Malta, o Cardeal de Lorena, o Duque de Guise, isto é, os maiores líderes católicos da época o tivessem prestigiado tanto, depois dos acontecimentos do Rio de Janeiro? Como *La calúnia è un venticello*, até hoje se fala nos pretensos atos de violência cometidos por Villegagnon na Guanabara.

Portanto, Villegagnon não foi um vilão. Como compará-lo aos conquistadores ávidos e sanguinários do seu século, a um Pizarro ou Cortez? Tampouco foi um pirata. Era católico intransigente e, por isso, pagou com o desgaste pessoal e de sua fortuna. Seus atos sempre ocorreram dentro da mais total legalidade. Seu comportamento foi o de um soldado apaixonado pelas tarefas que lhe confiaram. Hábil diplomata e negociador, foi talvez demasiado rígido em defesa de suas crenças religiosas. Bom advogado, escritor culto, não suportava divergências dogmáticas e reagia com intransigência. Por isso, alienou muitas simpatias e complicou sua vida. Tivesse ele realmente fraquejado em sua fé no Brasil, não teria sido depois altamente prestigiado pela Ordem de Malta e por toda a realeza católica da França.

Foi ator e testemunha dos grandes acontecimentos do seu tempo, viveu uma existência fascinante e inconcebível para uma pessoa de sua origem relativamente modesta. A universalidade de sua atuação política e militar parece até inexplicável neste final do século XX. Mas seria ele um herói, como indaga o título deste estudo? Sem dúvida realizou feitos heróicos: o seqüestro de Maria Stuart, sua atuação na batalha de Argel, no cerco de Rouen, na defesa da ilha de Malta e da

cidade de Sens. No sentido forte da palavra, Villegagnon foi um homem bravo, culto e honesto, com lampejos de heroísmo. Por isso, merece ser lembrado e admirado quase cinco séculos depois de sua morte.

BIBLIOGRAFIA SELETA

Na França:

- CLOULAS, Ivan - **Henri II**, edições Fayart, Paris, 1985.
- COTTRET, Bernard - **Calvin**.
- DUCHEIN, Michel - **Marie Stuart**, edições Fayart, Paris, 1987.
- FRASSER, Antonia - **Marie Stuart reine de France et d'Écosse**, edições Laffont, Paris, 1973.
- GAFFAREL, Paul - **Histoire du Brésil Français au XVI siècle**.
- HEULHARD, Arthur - **Villegagnon roi d'Amerique un homme de mer au XVI siècle**, edições Leroux, Paris, 1897.
- LENOIR, A - **Les Provenois célèbres** (1886)
- LÉRY, Jean de - **Histoire d'un voyage au Brésil**, edições Le Livre de Poche, Paris, 1995.
- MARAN, René - **Nicolas Durand de Villegagnon**, edições France Empire, s/d, Paris.
- MIQUEL, Pierre - **Les guerres de religion**, edições Fayard, Paris, 1987.
- PEILLARD, Leonce - **Villegagnon, vice-amiral de Bretagne, vice-roi du Brésil**, edições Perrin, Paris, 1991. Prefácio de Allain Peyrefitte.
- THEVET, André - **Les singularitez de la France Antarctique**, edições Le Temps, Paris, 1982.
- VERTOT, abbé de - **Les Chevaliers de Malte**, século XVIII.
- VILLEGAGNON, Nicolas Durand de - **Caroli V Imperatoris in Africam ad Argieram. Parisiis, Ioannem Royni, uia ad D. Iacobum, 1542.**
-
- De belo Melitensi & eius euentu Francis imposito, ad Carolu Caesarem V.** Parisiis, Carolum Stephanu, 1553. Não paginado.
-
- Response aux libelles d'injures publiez contre le cheualier de Villegaignon.** Au lecteur Chrestien. A Lion, par Benoit Rigavd, 1561.
-
- Estrille pour blason d'armoiries de la Cheaulairie de Villegaignon.** Paris [s. ed.] 1561.
-
- Relation de l'expédition de Charles-Quint contre Alger.** Suivie de la trad. du texte latin par Pierre Tolet. Publiées par H. D. de Grammont. Paris, Auguste Aubry; Alger, Juillet St. Llarger, 1874.

No Brasil:

- ANDRADE, Leoncio Caldeira de - **A igreja dos fiéis (Coligny no feudo de Villegagnon)**, editora Centro Brasileiro de Publicidade, Rio de Janeiro, 1947.
- BRITO, Chermont de - **Villegagnon, rei do Brasil**, editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1985.
- LÉRY, Jean de - **Viagem à terra do Brasil**, edição da Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1961.
- NOGUEIRA, Manuel Tomás Alves - **Villegagnon**, coleção Epasa, Biblioteca Brasileira de Cultura, Rio de Janeiro, 1944, Prefácio de Basílio de Magalhães.
- REVISTA TRIMESTRAL DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA (do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), tomo 2, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1858. Contém carta de Villegagnon a Calvino.
- ROCHA, Pombo - **História do Brasil**, volume 1, editora Jackson, Rio de Janeiro, 1935.
- SENNA, Nelson - **Os Protestantes no Brasil**.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo - **História Geral do Brasil**, editora Melhoramentos, tomo 1, 4ª edição, São Paulo, 1948.
- VILLEGAGNON, Nicolas Durand de. **Carta a Calvino**, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1840, páginas 198 a 202.

Na Alemanha:

- NOGUEIRA, M. T. Alves - **Der Mönchritter Nikolaus von Villegagnon**, edição do Brockhaus de Leipzig, 1887. Republicado em português em 1944.

Na Itália:

- VILLEGAGNON, Nicolas Durand de - **Ad articulos Calvianae de sacramento eucharistiae traditionis**. Gasparem Bindonum, Veneza, 1562.